



Esses pequeninos actos...

Eis uma pequenina gota d'água levada ao sabor do vento. Vê-la assim a vagar na imensidão atmosférica, faz pensar no seu desmerecimento; já que um ínfimo grão de areia do deserto desprezaria ser humedecido pela desventurada gotícula.

Dada a insignificância desta gotinha levada ao léu da sorte, talvez nem mesmo a gravitação universal se fizesse actuar para atraí-la.

Será que quando algum homem fosse bombardear uma nuvem para condensá-la, a nossa mísera gota não conseguiria unir-se às demais e vir beneficiar a terra? Não! É lógico que não.

Quem se interessaria por uma pequena gota d'água? Embora aceitasse a sua sorte, a pequena gota ainda arrazoou consigo mesma: quantos não são os que naufragam nos mares, ou que definham nos desertos? Quanto não dariam estes para ter apenas uma gota d'água? E conclui pesarosa: que lástima o desprezo às coisas pequenas!

Aqui cessam as meditações da desgraçada gotinha, mas eu insisto ainda: Por que se desprezam as pequenas coisas? Não é ela que com outro bilhão de gotas, faz girar as turbinas da electricidade ou forma as iradas vagas que põem a pique grandes navios?

Que está acontecendo, pensou consigo a gota, pois, os homens nunca viveram sem mim? Será que não faço mais parte das suas necessidades orgânicas? Apesar de não receber resposta alguma para as suas interrogações, não se entregou ao desespero, mas resolveu absorver-se noutros pensamentos.

Quantos são, pois, os que têm dado valor aos insignificantes e pequenos actos perdidos no fervilhar da tensa e agitada vida humana?

Agora, com os computadores, os homens esquecem-se das unidades e ocupam-se apenas com os bilhões de escudos e os milhões de pessoas. Os direitos individuais e as leis que regem a sociedade humana são menosprezados.

Os homens já não sabem o que significa para uma alma quebrantada a mão tenra do amor, o olhar de confiança e a palavra repassada de bondade.

Quantos não se encontram à beira do caminho e num ai expressam a dor da chaga ou da fome?

Os actos de bondade, beneficência e amor, ainda que considerados de pouca monta, podem equiparar-se à gota d'água que faz parte dos oceanos. São os pensamentos, palavras e actos praticados na vida, as fibras que entram no tear do tempo de onde sairá a peça de carácter de cada indivíduo.

O sábio, o herói ou o cristão fizeram-se de pequeninas decisões, singelas lutas e vitórias simples. Também o assassino teve o começo num único desejo ilícito. Tivéssemos nós conhecimento de causa de tudo aquilo que se louva ou se repudia e nunca desprezaríamos os pequenos actos praticados na vida.

Deovanir Vidoto

Mãe, Mulher que não tem igual!

MÃEI!

Branca, negra, amarela ou pele-vermelha,
Rica ou pobre, fidalga ou plebeia,
É para ti este poema, esta centelha
De Amor filial, que o teu amor premeia!

Se és senhora ou escrava, rainha ou camponeza;
Se em salões habitas cercada de ouro e prata,
Ou em tugúrio humilde escondes a pobreza,
O sofrimento e a dor que te mata;

Se em cátedra te sentas, mostrando o teu saber,
Se o mundo inteiro, atento, escuta o teu falar,
Ou se nem teu pobre nome sabes escrever
E do teu saber nada tens para ofertar;

Se em berço dourado o teu filho embalas,
Ou se em farrapos o seu corpo encobres,
Se o mostras ao mundo, vestido de galas,
Ou o sustentas com o pão dos pobres;

Se em abundância vives e em nada te agastas,
Se é calmo e feliz todo o teu viver,
Ou se pelas ruas tua miséria arrastas
E em cruenta luta vais desfalecer;

Se, plena de orgulho, o teu filho ostentas,
Se no teu lar vais vê-lo crescer,
Ou se escoraçada quase não aguentas
A vergonha e o abandono em que vais viver;

Se de todos tens o carinho e o amor,
Tudo o que desejas p'ra ao teu filho dar,
Ou, se em vez de tudo, só te resta a dor
De abandonada e só haveres de lutar,

MÃEI!

És sempre a MULHER que não tem igual,
Vivas num palácio ou numa cabana!
Que amor é o teu, que não tem rival!
Que nobreza a tua, que outra não irmana!

Amor sublime, de renúncia feito!
Grandioso, imenso, abnegado amor!
Que coração o teu! Dentro do teu peito
Se alberga, silente, muita vez, a dor!

MÃEI!

Eu te quero muito, seja como for
O teu viver, e o meu viver, também!
Quero dar-te amor em troca desse amor
Que sempre tu me dás, ó minha MÃEI!

Maria Augusta Pires

Pensamento do mês:

«É tolice pretender
tentar fazer a obra de
Deus sem o poder
de Deus».

— D. L. Moody

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Maio 1984
Ano XLV • N.º 452

DIRECTOR:

J. Morgado

PROPRIETÁRIA E EDITORA:



Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Salvador Allende, lote 18
2685 Sacavém Codex
Telef. 2510844

PREÇOS:

Assinatura Anual	350\$00
Número Avulso	40\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

DEPÓSITO LEGAL N.º 2705/83

10 Pontos para Incentivar a Educação Adventista

Normalmente, não nos damos conta da influência que têm os primeiros anos de vida de uma criança. A ciência vai mais além, dando mesmo grande importância à influência pré-natal.

Como igreja, somos privilegiados em ter os conselhos dos livros do Espírito de Profecia quanto à educação dos nossos filhos.

Desejaria lembrar alguns desses pontos que, necessariamente, se fossem tomados em consideração, não veríamos alguns dos nossos filhos abandonarem a Igreja.

1. O ensino da Bíblia às crianças deve ser feito de maneira atraente, tendo em vista que aquilo que lhe é mostrado visivelmente se fixa muito melhor na sua memória. Por isso se tem desenvolvido ao longo dos anos uma série de material apropriado, que deveria existir, não só na igreja, mas também nos lares.

2. As crianças deveriam, desde a mais tenra idade, frequentar as classes da Escola Sabatina apropriadas à sua idade. Os pais deveriam interessar-se pelo progresso dos conhecimentos que os filhos vão obtendo, ajudando assim o trabalho dos monitores.

3. A assistência às Escolas Cristãs de Férias, aos Clubes de Tições e Desbravadores deveria fazer parte do plano normal de educação e deveria ser incentivado pelos pais.

4. As igrejas deveriam organizar colóquios, conferências até, sobre os pontos de educação que devem ser

mais esclarecidos. Deveriam organizar-se cursos para estudos sistemáticos dos livros de E. White sobre educação.

5. Cada igreja deveria ter como prioridade neste campo a organização de Escolas Bíblicas, onde, uma vez por semana, o Pastor, o ancião ou outra pessoa idónea pudesse ministrar o ensino da Bíblia às nossas crianças e jovens. Temos livros apropriados para isso.

6. Em cada igreja onde existe um certo número de crianças deveria organizar-se e pôr-se a funcionar uma Escola Primária.

7. A existência de Infantários adventistas e escolas pré-primárias deveria ser encarada com grande cuidado, pois muitas crianças adventistas são deixadas, nos anos mais apropriados para uma educação cristã, nas mãos de pessoas sem preparação.

8. Deveriam os pais compreender o valor da educação dada em nossos colégios e fazer todos os sacrifícios necessários para que os seus filhos os frequentem. Penso naqueles casais sem filhos, que poderiam colaborar na educação de crianças de pais desprovidos de meios. Penso no auxílio que as igrejas poderiam dar a essas mesmas crianças.

9. Nem todos os nossos jovens têm vocação para trabalhar como pastores, assistentes pastorais, etc. Mas aqueles que a têm deveriam ser ajudados pelos pais, pelas igrejas, a seguirem para os nossos Seminários. Outros poderiam, frequentando os



Cursos de Doutrina no Verão, preparar-se para serem responsáveis por Grupos e Igrejas, ajudando assim a terminar a Obra.

10. A obra de educação não poderá ser terminada sem a colaboração de todos, para que as nossas escolas se ergam e se multipliquem.

As nossas escolas são um meio de evangelização excepcional, que atinge não só as crianças, mas também as famílias.

Os nossos professores podem ser comparados a pastores das suas classes, com o privilégio de estarem em contacto com elas todos os dias.

Um cuidado muito especial deveriam merecer as nossas crianças e jovens para que assim fôssemos preparando uma igreja de amanhã forte e corajosa para enfrentar todos os problemas e dificuldades. É necessário que hoje pais, professores e responsáveis pelas igrejas, tomem a peito alguns destes pontos, e então todos veremos os nossos filhos «como plantas bem desenvolvidas na sua mocidade... como pedras de esquina lavradas, como colunas de um palácio» (Salmo 144:12).

J. Morgado

O Dom de Profecia na Igreja Remanescente

MANUEL NOBRE CORDEIRO

Antes da entrada do pecado no mundo Deus comunicava-Se directamente com o homem. Depois disso passou a comunicar-Se mediante sonhos e visões através dos Seus servos, os profetas.

Através dos séculos Deus sempre tem usado os Seus profetas ou profetisas para guiar, instruir, advertir e admoestar o Seu povo. Em tempos de crise ou de apostasia, bem como em períodos que requeriam preparação especial, Deus os tem usado para transmitir as suas mensagens ao Seu povo.

Por exemplo, antes do primeiro advento de Cristo, Deus enviou João Baptista para preparar o caminho do Messias. A mensagem de João Baptista era que o povo se devia «arrepender e converter» pois estava chegado o reino dos Céus. A obra de João foi de tal modo importante que o próprio Senhor Jesus dele testificou que «entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João Baptista» (Lucas 7:28).

O Movimento do Advento

Se Deus achou necessário transmitir as Suas mensagens aos profetas no passado, não o faria Ele também a nós «para quem são chegados os fins dos séculos»? (I Cor. 10:11). «O Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o Seu segredo aos Seus servos, os profetas» (Amós 3:7).

Quando em 22 de Outubro de 1844 os crentes Milleritas sofreram o grande desapontamento por se terem gorado as suas expectativas quanto à segunda vinda de Cristo, que haviam esperado para aquele dia, eles ficaram mergulhados em grande angústia e perplexidade. Muitos duvidaram que Deus os tivesse guiado e por isso deixaram a fé. Outros continuaram a indicar datas para a vinda de Cristo. E outros ainda, cuja fé não havia sido genuína, começaram, juntamente com os descrentes, a ridicularizar a fé dos seus antigos irmãos.

Este foi um período de grande provação para o pequeno grupo, cerca de cinquenta, que continuou fiel às suas convicções. Buscaram o Senhor em oração e jejum como nunca antes a fim de se certificarem onde estava o seu erro e conhecerem a vontade de Deus. Desejavam sobretudo que Deus lhes assegurasse ser o seu movimento de origem e orientação divinas. Noutras palavras, sentiram a grande necessidade de guia e orientação divinas. E Deus não deixou de a providenciar como sempre o fez em tempos de crise para o Seu povo.

MANUEL NOBRE CORDEIRO

Pastor da Igreja de Leiria

Deus Responde às Suas orações

Os crentes haviam-se reunido em grupos, nas casas uns dos outros, para aguardarem a vinda de Cristo. No dia seguinte ao do desapontamento, a maioria dos que se haviam reunido na casa de Hiram Edson voltou desconsolada para as suas casas. No entanto, Edson e alguns dos seus amigos íntimos reuniram-se debaixo dum barracão para orarem. Após essa reunião sentiram a certeza de que Deus lhes mostraria o caminho. Depois do pequeno almoço Edson disse a um dos seus amigos, que ficara com ele: «Vamos às casas dos nossos irmãos para os consolar com esta certeza». Ambos se puseram então a caminho. Ao atravessarem, meditativos, pensando na decepção, um campo de milho pertencente a Edson, o qual ficara por colher, quando iam mais ou menos a meio do campo Edson deteve-se, enquanto o seu amigo prosseguiu sem se ter dado conta da sua paragem. Pareceu-lhe então ter visto o santuário no Céu e Cristo, como Sumo Sacerdote, saindo do lugar santo e dirigindo-se para o lugar santíssimo. Edson escreveu mais tarde: «Vi distinta e claramente que o nosso Sumo Sacerdote, em vez de sair do lugar santo do santuário celeste para vir à Terra no dia décimo do sétimo mês, no final dos dois mil e trezentos dias, entrou naquele dia, pela primeira vez, no segundo compartimento do santuário e tinha aí uma obra a realizar antes de voltar à Terra».

Quando o seu amigo se apercebeu do seu atraso, voltou-se para trás e perguntou-lhe: «Irmão Edson porque se deteve?» Ao que Edson respondeu: «O Senhor respondeu à nossa oração desta manhã». Logo que chegou junto do seu amigo relatou-lhe a visão. Este incidente impeliu os crentes remanescentes do Movimento do Advento a dedicarem-se a um estudo muito mais intenso do serviço do santuário terrestre a fim de compreenderem a sua correlação com o santuário celestial. Compreenderam então que as datas e interpretação da profecia dos 2.300 dias estavam correctas. Que o seu erro consistia no acontecimento a ter lugar nesse dia, isto é, a passagem de Cristo, como Sumo Sacerdote, do lugar santo para o santíssimo, no santuário celestial, e não a sua vinda a esta Terra.

Cerca de dois meses mais tarde, em Dezembro de 1844, a jovem Ellen Harmon (mais tarde White pelo seu casamento com o pastor Tiago White, em 30 de Agosto de 1846), então com 17 anos de idade, e que também fazia parte do pequeno remanescente de crentes adventistas, encontrava-se a orar com outras quatro irmãs, na casa da irmã Haines, em

Portland, e foi tomada em visão. Nessa visão ela viu a experiência do povo do advento até à sua vitória final. Depois de ter saído da visão contou-a aos crentes de Portland, que creram firmemente ser ela de Deus. Todos eles creram que Deus havia escolhido este meio, após o grande desapontamento de Outubro passado, para confortar e fortalecer o Seu povo. «Senti-me possuída dum temor indescritível ao pensar que eu, tão jovem e fraca, devesse ser escolhida como o instrumento pelo qual Deus daria luz ao Seu povo». — *Life Sketches*, pág. 68.

Como Foram Dadas as Visões

Como vimos a primeira visão que Ellen G. White teve foi durante um período em que ela orava juntamente com mais quatro outras mulheres. Durante a sua vida e ministério ela teve cerca de 2.000 visões e sonhos, quer a sós quer junto de outras pessoas, por vezes no meio de alguma assembleia. O Espírito de Deus repousava sobre ela e ela era arrebatada em visão contemplando e ouvindo o que o Senhor achava por bem, e necessário, comunicar-lhe para a instrução e direcção do Seu povo.

A irmã Marta Amadon, filha de pioneiros adventistas, durante muitos anos vizinha e associada de perto com o trabalho de Ellen White, resume, da maneira seguinte, as circunstâncias em que tiveram lugar um bom número de visões que ela, pessoalmente, teve o privilégio de presenciar:

«Em visão os seus olhos ficavam abertos. Não havia qualquer respiração, mas havia movimentos graciosos dos ombros, braços e mãos expressivos do que ela via. Era impossível a qualquer outra pessoa mover as suas mãos e braços. Ela proferia por vezes palavras soltas, outras vezes proferia frases que expressavam, aos que estavam junto dela, a natureza da visão que ela estava tendo, quer se tratasse duma visão a respeito do Céu ou da Terra.

«A sua primeira palavra em visão era 'Glória', soando a princípio perto e depois diminuindo à distância, parecendo estar muito longe. Isto era às vezes repetido....

«Nunca havia excitação entre as pessoas presentes durante uma visão; nada causava temor. Era uma cena solene, tranquila, durando por vezes uma hora....

«Quando terminava a visão, e ela deixava de ver a luz celestial, voltando, soe assim dizer-se, de novo à Terra, ela exclamava com um grande e prolongado suspiro, ao retomar a sua respiração natural, 'E-s-c-u-r-o'. Depois disso ela retomava a sua força normal». Martha D. Amadon, «Mrs. Ellen G. White in Vision», *Notebook Leaflets, Miscellaneous* — N.º 1.

O seu marido, Tiago White, que com ela conviveu e trabalhou durante 35 anos, escreveu em 1868 a respeito da sua condição quando em visão o seguinte:

«1. Ela fica completamente inconsciente acerca de tudo o que se passa à sua volta, como tem sido provado pelos mais rigorosos testes, mas vê-se a si mesma como removida deste mundo, e na presença de seres celestiais.



«2. Ela não respira. Durante todo o período em que ela está em visão, o qual tem variado por vezes entre 15 minutos a 3 horas, não há qualquer respiração, tal como tem sido repetidas vezes provado ao colocarmos uma mão sobre o seu peito, e ao taparmos-lhe a boca e o nariz.

«3. Imediatamente após entrar em visão, os seus músculos tornam-se rígidos, e as articulações firmes, de tal maneira que força alguma externa os pode mover. Ao mesmo tempo os seus movimentos e gestos, os quais são frequentes, são livres e graciosos, e não é possível impedi-los ou controlá-los mesmo pela pessoa mais forte.

«4. Ao voltar da visão, quer seja durante o dia quer seja num sala bem iluminada à noite, tudo lhe parece total escuridão. A sua capacidade em distinguir, mesmo os mais brilhantes objectos colocados a curta distância da sua vista, é feita gradualmente....

«Ela teve provavelmente durante os vinte e três anos passados cerca de duzentas visões. Estas foram-lhe dadas sob as mais variadas circunstâncias, mantendo, todavia, uma maravilhosa semelhança». — James White, *Life Incidents*, pág. 272. (Battle Creek, Michigan, 1868).

Visões ou Sonhos Durante a Noite

Ellen White refere, repetidas vezes, as expressões: «Nas visões da noite algumas coisas foram-me claramente apresentadas» ou «Nas horas da noite o Senhor deu-me instrução». Durante toda a sua experiência, mas particularmente nos últimos anos da sua vida, as visões eram-lhe dadas frequentemente durante a noite, quando a mente estava em repouso e totalmente alheia às circunstâncias e influências que a rodeavam. Quanto à diferença entre um sonho

profético ou visão e um sonho comum, ela esclareceu em 1868 o seguinte: «Há muitos sonhos que têm a sua origem em coisas comuns da vida, com os quais o Espírito de Deus nada tem que ver. 'Há também sonhos falsos, assim como visões falsas, que são inspirados pelo espírito de Satanás. Mas os sonhos que vêm do Senhor são classificados na Palavra de Deus como visões e são tão verdadeiramente o fruto do espírito de profecia como o são as visões. Tais sonhos, tendo em consideração as pessoas que os têm e as circunstâncias em que são dados, contêm as suas próprias provas da sua genuinidade». — *Testimonies for the Church* vol. 5, pág. 658.

Certa vez o seu filho William perguntou-lhe como é que ela sabia se um sonho era do Senhor e não um sonho comum, ao que ela respondeu: «Porque o mesmo anjo mensageiro que se apresenta ao meu lado instruindo-me nas visões da noite, é o mesmo que se apresenta perante mim instruindo-me nas visões do dia». Esse mesmo ser celestial foi referido noutras ocasiões por: «o anjo», «o meu guia», «o meu instrutor», «o jovem», etc.

Propósito das Visões e dos Testemunhos

A própria irmã White descreve o seu objectivo. Em primeiro lugar ela refere *o que eles não são*:

1. Não são «uma adição à Palavra de Deus». — *Testimonies*, vol. 5 pág. 663.

2. «Não são para dar nova luz». *Idem*, pág. 665.

3. «Não são para fornecer uma nova regra de fé». — *Primeiros Escritos*, pág. 78.

Em segundo lugar ela refere *o que eles são*:

1. «Para o conforto do Seu povo». *Idem*, pág. 78
«Para encorajar a alma desanimada e desalentada». — *Review and Herald*, 10 de Janeiro de 1856.

2. «Para corrigir aqueles que erram quanto à verdade bíblica» — *Primeiros Escritos*, pág. 78.

«Para corrigir e reprovar os que erram». — *R & H*, 10/1/1856.

«Para corrigir erros especiosos». — *EGW Letter* 117, 1910.

3. «Para trazer as mentes do Seu povo de volta à Sua Palavra». — *Testimonies*, vol. 5, pág. 663.

«Deus tem simplificado através dos Testemunhos as grandes verdades já antes dadas». — *Idem*, pág. 665.

«Para impressionar sobre o coração as verdades da inspiração já antes reveladas». — *Idem*, pág. 665.

4. Para instruir acerca da vontade de Deus. — *Idem*, pág. 661

5. Para instruir acerca do «curso que Ele deseja que sigam». — *Idem*.

6. «Chamar a atenção para os princípios bíblicos para a formação de hábitos correctos de vida». — *Idem*, págs. 663, 664.

7. Esclarecer «o dever do homem para com Deus e o seu semelhante». — *Idem*, pág. 665. E «despertá-los para o seu dever». — *Idem*.

8. «Especificar o que é verdade». — *EGW Letter* 117, 1910.

«Quando o poder de Deus testifica quanto àquilo que é verdade, essa verdade deve permanecer para sempre como a verdade». — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 161.

9. «Para confirmar a fé do Meu povo na posição que tomou». — *Idem*, pág. 41.

10. Para operar a unidade na igreja a fim de levar o povo de Deus a «verem as coisas sob o mesmo prisma e serem do mesmo parecer». — *Testimonies*, vol 3, pág. 361.

Haverá Ainda Outro Profeta?

Muitas vezes tem sido feita a pergunta se Deus não suscitará ainda outra pessoa para receber visões e directrizes de Deus para o Seu povo. Já no tempo de Ellen White esta pergunta lhe foi feita várias vezes. Ela sempre respondia que não tinha qualquer luz do Senhor quanto a isso. No entanto, foi levada a responder, apontando para os seus livros e escritos: «Nestes livros estão esboçadas as informações necessárias ao nosso povo para o resto da jornada». — *The Spirit of Prophecy Treasure Chest*, pág. 32.

Noutra ocasião ela respondeu à mesma pergunta com as palavras: «Quer a minha vida seja poupada ou não, os meus escritos falarão constantemente, e a sua obra irá avante enquanto o tempo durar». — *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, pág. 55. O seu filho William testificou em 1922 que sempre que tais perguntas eram feitas à sua mãe, quanto ao futuro, ela costumava apontar para os seus manuscritos e obras já publicadas e respondia: «Aqui estão os meus escritos; quando eu tiver partido eles testificarão por mim». — *W. C. White, Letter*, 9/7/1922. Era portanto sua convicção que a denominação havia já recebido instrução suficiente para guiar o povo de Deus através de todo o caminho se tão somente se dispusessem a seguir tal instrução.

A melhor prova que podemos ter quanto à inspiração dos escritos de Ellen White é sentirmos que Deus fala aos nossos corações mediante a sua leitura. Oxalá cada um de nós saiba aproveitar a luz, guia, conselho, direcção e apelo de Deus à conversão neles contidos.

Professoras Primárias Precisam-se

*Jovens com Curso do Magistério ou antigo
Diploma do Ensino Particular.*

A partir do ano lectivo 1984/85.

Escrever para:

Departamento de Educação

União Portuguesa dos A.S.D.

Rua Joaquim Bonifácio, 17 • 1000 LISBOA

O Coração da Verdadeira Religião

DR. ARISTARCHO PINHEIRO DE MATTOS

Este estudo está centrado num texto de Oséas. É provável que cause espécie na mente de um bom número de irmãos nossos. Mas não devemos esquecer que também causou escândalo quando o texto foi usado pela primeira vez, pelo profeta Oséas, num dos seus sermões, ao Israel antigo. Jesus serviu-Se por duas vezes deste versículo de Oséas, e o resultado, no que respeita ao impacto na mente dos Seus ouvintes, não foi diferente.

O texto de Oséas a que nos referimos é este: «Porque eu quero misericórdia e não o sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos.» Oséas 6:6. Há nesta passagem algumas expressões que devem ser cuidadosamente estudadas, para que entendamos o verdadeiro sentido da mensagem do profeta.

Aqui o texto está dizendo: «Porque misericórdia quero.» Primeiro temos que saber o que significa *misericórdia*. Esta palavra é a tradução do termo hebraico *hesed*, o vocábulo hebraico mais difícil de traduzir no Antigo Testamento, onde aparece 245 vezes. Nalgumas ocasiões ele é traduzido por bondade, benignidade, beneficência, benevolência, etc. No entanto, ele é mais do que tudo isto.

Para se entender bem o que na realidade vem a ser *hesed*, que no nosso texto foi traduzido por *misericórdia*, proponho fazermos uma comparação com outra palavra hebraica, que é *hen*. A palavra *hen*, no Antigo Testamento, é normalmente traduzida por *graça*.

Para um entendimento correcto destes dois termos, vamos criar as seguintes situações: Imagine-

-se o leitor saindo um dia, com algum dinheiro, para fazer compras. Em determinado local da cidade acha-se um grupo de curiosos; alguém ali sofreu grave acidente. Aproxima-se do grupo. Realmente, encontra-se uma pessoa estendida no chão. Todos olham, mas ninguém toma qualquer providência, no sentido de cuidar da vítima. O leitor nunca havia visto aquele que está a perecer, numa poça de sangue. Não é seu parente, e não o conhece.

Com sacrifício da sua parte, paga um táxi e leva-o ao hospital mais próximo, adiantando parte do pagamento. A seguir volta para casa, sem contudo fazer as suas compras, uma vez que o dinheiro foi gasto quase todo com a infeliz vítima. Isto foi *hen*; fez *hen* por aquela pessoa. Já disse que as nossas versões normalmente traduzem *hen* por *graça*. É isto mesmo que deu. O leitor foi livre para fazê-lo. Usou de *graça* (*hen*) por aquele homem.

Agora, modifiquemos um pouco a situação acima. Imaginemos que ao aproximar-se do grupo de curiosos, que observa um homem caído no solo, que há pouco sofreu um acidente de trânsito, constata, espantado, que se trata de um parente seu. Ao tomar todas as providências, removendo-o para um hospital, não fez *hen* mas *hesed*.

Hesed é aquela assistência que se presta a uma pessoa conhecida. No primeiro caso, se o olhasse e fosse embora, o ferido o consideraria apenas mais um que não o ajudou. Vários antes de si procederam assim. Vieram, como curiosos, viram o ferido, e voltaram-lhe as costas. O leitor teria feito o mesmo. Mas no segundo exemplo, não, não podia ir-se embora. Ele esperava isto mesmo de si! *Hesed* aqui é solidariedade, assis-

tência mútua que se presta a um companheiro, a um aliado, ou irmão. É amor na sua mais pura essência. No entanto, não é amor meramente sentimental ou psicológico. É amor vivo, é acção. É amor em roupa de trabalho. No *hesed* observa-se uma ajuda essencial a alguém, não algo dispensável ou privilégio extra.

Agora, sabendo um pouco o que é *hesed*, voltemos ao texto de Oséas 6:6. A palavra seguinte, que desejamos estudar é *sacrifício*. «Porque Eu quero misericórdia (*hesed*) e não *sacrifício*». O vocábulo «sacrifício» neste texto não tem nada a ver com renúncia, abnegação ou desprendimento. «Sacrifício» aqui nesta passagem é tradução do hebraico *zabah*, palavra esta que tem a ver com os sacrifícios apresentados sobre o altar.

A primeira metade do texto de Oséas 6:6 ficaria assim: «Porque Eu quero *hesed* (ou seja que se amem mutuamente, que se assistam mutuamente, um ao outro), e não *zabah* (sacrifício de animais).»

Avancemos um pouco mais em nosso exame de Oséas. A expressão «Conhecimento de Deus» corre em paralelismo com *hesed*. Para o hebreu, o «Conhecer a Deus» é o mesmo que identificar-se com Deus, é agir como Ele age. É intimidade com Deus. É comprometimento entre o ser humano e Deus. É uma perfeita sintonia com a vontade de Deus. Quanto mais conhecermos a Deus, mais O amaremos, e tanto mais odiaremos o pecado (o pecado crucificou o Filho de Deus) e teremos nojo de nós mesmos. Assim não teremos tempo para ver ou criticar a vida dos nossos irmãos.

Paulo, ao pensar nesta direcção, disse certa feita que Jesus veio a este mundo «para salvar os pecadores, dos quais eu sou o

Dr. Aristarcho Pinheiro de Mattos

— Doutor em Teologia; pastor distrital em Piracicaba, S. Paulo.

principal» (I Tim 1:15). Paulo não disse que ele foi ou *era*, mas sim: *eu sou o principal* dos pecadores. O que se deu com Paulo acontece com qualquer um de nós: quanto mais perto chegarmos de Jesus, quanto mais O conhecermos, mais pecadores nos sentiremos, e menos desejo teremos de nos exaltarmos a nós mesmos.

O texto de Oséas 6:6, após declarar o grande valor da religião prática, termina dizendo: «...mais que holocaustos.»

Foi seguramente um pesado sermão, este pregado por Oséas. Um povo grandemente inclinado ao sistema sacrificial, que tantas vezes foi ao extremo, ao formalismo, teve que ouvir de Deus, por meio do profeta, as palavras que diziam: «Porque Eu quero o *hesed* (assistência mútua, amor firme, constante), e não o *zobah* (o sacrifício de animais); e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos.»

Deus, na realidade, queria dizer isto ao Seu povo de então: «Eu antes quero que vocês se amem, do que sacrifícios de animais; que Me conheçam, mais do que holocaustos.» Sim, Deus estava dizendo que desejava ver, mil vezes, entre o povo — os Seus filhos — a solidariedade, a compreensão, a assistência mútua, o amor constante, perene, mil vezes mais do que «milhares de carneiros», ou que «dez mil ribeiros de azeite» (Miq. 6:7).

«O atributo que Cristo mais aprecia no homem», escreveu a irmã White, «é a caridade [amor] de coração puro. Este é o fruto oriundo da árvore cristã.»¹

Estou ouvindo Deus falar àquele povo. Está ouvindo? Eu O ouço. O Eterno está dizendo assim ao Seu povo: «Deixem em casa as vossas ofertas, não as tragam para Mim. Melhor do que a multidão de ofertas e sacrifícios, é que se amem, mas que se amem de verdade, que se assistam mutuamente com solidariedade e amor não fingidos.»

Em relação a isto, assim se pronunciou a serva de Deus: «Não importa quão alta seja a profissão, aquele cujo coração não está cheio de amor a Deus e aos se-

melhantes, não é verdadeiro discípulo de Cristo. Embora possua grande fé, e tenha poder mesmo para operar milagres, todavia, sem amor, a sua fé será de nenhuma valia. Poderá ostentar grande liberalidade; mas se ele por qualquer outro motivo que não o genuíno amor, entregar todos os seus bens para sustento dos pobres, o acto não o recomendará ao favor de Deus. Em seu zelo, poderia mesmo sofrer a morte de mártir, mas não sendo impulsionado por amor, seria considerado por Deus como iludido entusiasta, ou ambicioso hipócrita.»²

Não foi isto mesmo que o Altíssimo dissera, pela boca de Isaías? Se não, vejamos o que está escrito: «De que Me serve a Mim a multidão de vossos sacrifícios? diz o Senhor. Estou farto dos holocaustos de carneiros, e da gordura de animais cevados, e não Me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecer perante Mim, quem vos requereu isto das vossas mãos, que viésseis pisar os Meus átrios? Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e também as luas novas, os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene. As vossas luas novas, e as vossas solenidades, a Minha alma as aborrece; já Me são pesadas; estou cansado de as sofrer» (Isa. 1:11-14).

Seguindo nesta mesma direcção, a serva do Senhor escreveu este pensamento: «Um coração de fé e amor é mais precioso para Deus que os mais custosos dons.»³

Seguramente, como tivemos oportunidade de falar, esta pregação de Oséas deve ter incomodado bastante a muitos filhos de Israel, naqueles dias. Dissemos ainda que Jesus Se valeu por duas vezes do texto oseano ao falar para algumas pessoas, as quais devem ter ficado, também, de verdade incomodadas.

A primeira citação que Jesus fez do texto de Oséas, do qual ora nos ocupamos, encontra-se

em Mateus 9:13: «Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não holocaustos; pois não vim chamar justos, e, sim, pecadores.»

«Ide, porém, e aprendei», foi a injunção de Jesus. Sim, era exactamente isto que deviam fazer: voltar para casa, e reestudar a mensagem de Oséas: «Misericórdia quero, e não holocaustos.»

No entanto, pergunta-se, qual era o contexto de Mat. 9:13, que cita as palavras de Jesus? O que estava acontecendo ali, que motivou Jesus a dizer o que disse?

O trecho de Mat. 9:9-13 falamos de como Jesus chamou a Mateus, para que O seguisse. Adiante vamos encontrar a Jesus em casa de Mateus, assentado no meio de «publicanos e pecadores». Isto foi um escândalo para os fariseus. Maior escândalo foi o que veio a seguir: o facto de Jesus citar Oséas, constituía uma evidência de que estava a fazer uma releitura do profeta.

Ao citar o profeta Oséas Jesus queria dizer que nada significa, diante de Deus, o abster-se de «assentar-se», ou mesmo, «comer» com os mais desqualificados pecadores e não ter na igreja, ou no dia-a-dia, o *hesed* — amor mútuo, assistência recíproca, entre os irmãos. Mil vezes melhor, seria o estar em companhia dos «pecadores» e ter *misericórdia*. «Pois Deus olha mais a quanto do amor alguém põe no que faz, do que na quantidade que realiza.»⁴

Com isto nunca devemos concluir que Jesus estivesse aqui apoucando a necessidade de fugirmos de ambientes menos dignos. Aprendemos, sim, que nada vale o deixar de estarmos presentes em certos locais não próprios para cristãos ao tempo em que não temos o cuidado de assistir a nossos irmãos nas suas necessidades.

«Ide, porém, e aprendei», disse Jesus.

A segunda citação que Jesus faz Oséas 6:6 aparece em Mateus 12:7, quando diz: «Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero, e não holocaustos, não teríeis condenado a inocentes.» Se lermos os versículos anteriores, notaremos que o

contexto da passagem supra é o facto de terem os discípulos de Jesus apanhado espigas de trigo, para se alimentarem, em dia de Sábado. Perguntamos: o que desejava Jesus, com esta citação de Oséas, relacionando-a com o Sábado.

Ao citar Oséas 6:6, que escândalo, para o ouvido judeu! Jesus queria dizer que mais vale a misericórdia do que o sacrifício! Vale zero a observância do Sábado por um coração que não sabe o que significa: «Misericórdia quero, e não holocaustos.»

Jamais devemos entender que Jesus estivesse a minimizar o valor do mandamento sabático. Longe de nós tal pensamento. O que Jesus queria que nós compreendêssemos é que nenhum valor espiritual existe na observância sabática por parte do homem ou mulher cujo coração não «conhece a Deus» ou que não possui o verdadeiro amor para com os seus irmãos. A guarda do Sábado por um coração deste jaez nada significa; é, na realidade, um insulto ao Altíssimo.

Hoje, diríamos: «Guarde em casa as suas ofertas e dízimos! Não os traga a Deus, enquanto não O conhecer. De que vale trazer ofertas e dízimos para a igreja do Altíssimo quando não sabe o que significa: 'Misericórdia quero, e não holocaustos'? Mil vezes mais importante do que o trazer ofertas e dízimos para o Eterno é o facto de conhecê-lo, e, uma vez conhecendo-o, amar verdadeiramente os irmãos.»

Atente para esta citação da serwa do Senhor: «O amor é de Deus. O coração não convertido é incapaz de originar ou produzir esta planta de procedência celeste, que só vive e floresce onde Cristo reina.»⁵

«Ide, porém, e aprendei» é a injunção de Jesus a nós, membros da Igreja de Deus, na Terra.

Ser um Irmão como o Seu

Um grande e bem-sucedido banqueiro dirigia-se apressado, em direcção ao seu carro, tendo na mão a pasta contendo alguns contratos de vultosos negócios,

que devia assinar naquele dia. Ao aproximar-se um pouco mais do seu carro, notou que um menino o examinava minuciosamente, como se fosse um potencial comprador.

Ao colocar a chave na porta do carro, o menino perguntou-lhe;

— Este carro é seu?

— Sim — foi a pronta resposta.

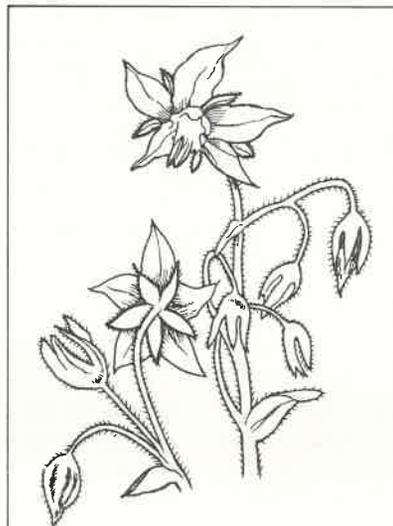
— Quanto custou? — foi a outra pergunta que o menino fez ao banqueiro.

Este respondeu que não sabia quanto havia custado. Com uma cara de grande espanto e admiração, o menino voltou a inquirir:

— Este carro é seu, e o senhor não sabe quanto custou? No entanto, o senhor não me parece ser ladrão de carros — disse ainda o menino.

Sim — disse o homem — este carro é meu, e não sei quanto custou, porque foi meu irmão quem mo deu.

Admirado, o menino interrogou: É verdade mesmo, que o seu irmão lhe deu este carro?



**Quanto mais
conhecermos a Deus,
mais O amaremos,
e tanto mais odiaremos
o pecado e teremos
nojo de nós mesmos.
Assim não teremos
tempo para ver
ou criticar a vida dos
nossos irmãos.**

— Sim — respondeu ele — foi meu irmão quem mo deu.

Nesta altura, o homem já estava dentro do seu carro, pronto para seguir, quando o menino falou: «Ah, como eu gostaria de...»

O banqueiro imaginou que ia ouvir a mesma frase que já estava cansado de escutar, da parte de muitos dos seus amigos: «Como eu gostaria de ter um irmão como o seu!»

Aquele homem de negócios não poderia estar mais equivocada, ao pensar daquela maneira, a respeito do que poderia falar aquela grande alma que tinha diante de si. O que ouviu gelou-lhe o sangue nas veias. Nunca pensou em ouvir o que ouviu. A criança disse:

— Ah, como eu gostaria de ser um irmão como o seu!

— Menino — disse o homem — entre aqui no meu carro.

— Não — respondeu o garoto — estou com a minha roupa suja, e posso sujar o seu carro.

Sim, é verdade, as suas roupinhas estavam sujas, mas ele tinha um coração limpo.

O menino finalmente aceitou o insistente convite, e entrou no carro. Passearam bastante, por diversas partes da cidade, e então o garoto pediu que fossem até sua casa. Ele morava numa pobre casa, na periferia da cidade.

— Pronto, é aqui — disse o menino apontando para uma casinha por demais humilde. — Por favor, senhor, não vá embora já. Espere um pouco!

A criança disse isto e correu para o interior da casa. Não demorou muito, e ei-lo de volta, trazendo arrastado pelos braços seu irmãozinho paraplégico e colocando-o na soleira da porta. Firmando o irmão paralítico, e apontando para o carro, disse:

— Mano, mano, estás a ver aquele carrão bonito! Foi o irmão-daquela homem quem lho deu de presente. Eu prometo que quando crescer vou dar-te um carro igualzinho àquela; assim poderás sair e ver as lojas de brinquedos, da cidade.

Ocultando as lágrimas, aquele senhor desce do carro, toma nos braços a criança aleijada, junta-

mente com seu irmão, e ruma para o centro comercial da cidade, para as maiores lojas de brinquedos.

O espírito de querer *ter* um irmão como esse tem a sua origem em Satanás. No entanto, o desejo, ou o espírito de querer *ser* um irmão assim, provém do coração de Deus. Querer *ser* um irmão assim é *misericórdia*, é na realidade a essência ou o coração da verdadeira religião, isto porque, como

declarou a serva do Senhor: «Na estimativa celeste, a grandeza de carácter consiste em viver para o bem-estar dos nossos semelhantes, em praticar obras de amor e de misericórdia.»⁶

O Céu anseia pelo dia em que isto se torne realidade, se não com todos, pelo menos com a maioria dos membros da igreja de Deus, agora na Terra. O desejo de «ser um irmão como o seu» deve ser o alvo de cada filho de Deus, hoje. Devemos aprender o

que isto na realidade vem a significar.

«Ide, porém», disse Jesus, «e aprendei o que significa: Misericórdia quero.»

Amém. Aleluia.

Referências

1. Citado em *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 6, pág. 1081.
2. Ellen G. White. *Actos dos Apóstolos*, págs. 318 e 319.
3. Ellen G. White. *O Desejado de Todas as Nações* (Ed. Popular), pág. 590.
4. Ellen G. White. *Testemunhos Selectos*, vol. 1, pág. 210.
5. *Ibidem*.
6. Ellen G. White. *O Desejado de Todas as Nações* (Ed. Popular), pág. 588.

A Igreja em Acção

JOSÉ CARLOS COSTA

O Departamento das Actividades Missionárias é um importante departamento no seio da Igreja, porque está profundamente envolvido com as palavras de Jesus: «Ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo» (Mat. 28:19).

Esta comissão é dada a todos os discípulos de Jesus — aos Seus seguidores. É dada a todo o pastor e a todo o membro da Igreja de Deus. Ela constitui a razão de ser da Igreja e do próprio Movimento Adventista. É, pois, um mandato que urge cumprir e terminar para que o Reino de Deus possa ser implantado nesta Terra.

O Departamento de Actividades Missionárias está na base dos grandes empreendimentos evangelísticos e sociais da Igreja: campanhas de evangelização, distribuição de literatura, acção Dorcas e acção em casos de cataclismos, Campanha das Missões e Semana de Extensão Missionária, etc. Tudo quanto vise o bem-estar do próximo e dar-lhe o conhecimento do Evangelho de Jesus, tudo o que leve a Igreja à acção missionária, está relacionado com este Departamento. Actividades Missionárias IGREJA EM ACÇÃO.

Pretende-se dinamizar estes breves momentos: fazê-los um eco e um apelo para a Igreja em acção — para a acção da Igreja.

Infelizmente, temos de confessar que muitas vezes tais momentos são usados para se fazer um pequeno sermão, para se contar uma história sem qualquer interesse para os que a ouvem, ou para se fazer um apelo maquinal, rotineiro, em favor de qualquer actividade da Igreja.

Os Momentos Missionários devem ser mesmo *missionários*. Devem ser a Igreja em acção! E

devem apelar à acção através do estímulo e do exemplo — *experiências* vividas pelos membros — e através de apelos fervorosos e destemidos.

O trabalho não é nosso: é do Senhor. É Ele quem nos envia, às vezes como «cordeiros no meio de lobos», mas sempre com a promessa inequívoca de que estará connosco «todos os dias, até à consumação dos séculos» (Mat. 28:20).

«Despertemos! A batalha está sendo travada. A verdade e o erro estão-se aproximando do seu conflito final. Marchemos sob o pavilhão, manchado de sangue, do Príncipe Emanuel, e combatamos o bom combate da fé, e alcancemos honras eternas; pois a verdade triunfará, e podemos ser mais do que vencedores por Aquele que nos amou.» — *Serviço Cristão*, pág. 77.

Ao Departamento de Actividades Missionárias compete organizar a Igreja para a sua acção missionária em geral. Jesus organizou os setenta discípulos dois a dois. Mas cada crente é uma testemunha de Jesus e está no mundo para irradiar a luz de Cristo, para ser o sal da terra.

A Igreja sois vós e eu — Igreja Viva, *Igreja em Acção*.

Devemos participar nos planos da Igreja, nos seus empreendimentos missionários, mas temos de trabalhar, também, individualmente. Cada um será responsável individualmente.

Nós somos a Igreja em Acção. Em acção missionária. Em acção de Evangelização, anunciando ao mundo quão grandes coisas o Senhor fez por nós e que é chegado o reino de Deus.

Que o Espírito Santo nos impressione e encha os nossos corações de amor por aqueles que ainda não conhecem o Evangelho, as boas-novas da salvação em Jesus Cristo.

Não precisamos de ser temerosos: Cristo é o Comandante e este trabalho é feito sob a Sua vitoriosa bandeira!

JOSÉ CARLOS COSTA

Pastor da Igreja de Cascais e Departamental de Jovens e Actividades Missionárias

O Segredo está na participação dos leigos

Notícias recentes da Divisão Inter-Americana dão conta da ocorrência de um verdadeiro despertar evangélico e acelerado crescimento da Igreja Adventista na região.

Os planos e métodos responsáveis por este entusiasmo missionário são revelados nesta entrevista com o Pastor Carlos Aeschlimann, secretário ministerial da D.I.A.

O Pastor Aeschlimann é chileno, dedicou parte do seu ministério à Argentina, e desde então tem servido a D.I.A. como evangelista e secretário da União Mexicana, presidente da União Centro-Americana, e ultimamente como evangelista da Divisão.

No evangelismo, tem somado a sua capacidade para inovar e sonhar com grandes projectos e uma especial perspicácia para aproveitar os aspectos positivos dos métodos tradicionais.

Revista Adventista — Tem-se ouvido de uma verdadeira explosão de evangelismo na Divisão Inter-Americana. A que atribui isso?

Pastor Aeschlimann — Essa explosão evangélica é uma realidade. E, fazendo um pouco de história, podemos dizer que começou com a actuação do Pastor Archbold, ex-presidente da D.I.A., que era um entusiasta pelo evangelismo e levou esse entusiasmo a todos os campos e obreiros criando uma nova consciência em torno da missão da Igreja.

Explicando a que se pode atribuir esse movimento, diria que ocorreram três passos: O primeiro foi convencer os administradores e departamentais de que a sua função principal era o evangelismo. Depois, veio a fase de convencer os pastores da necessidade de dedicar boa porção do seu tempo para a acção missionária directa. Actualmente, todos os nossos pastores dão entre uma a três séries de conferências por ano. Só restava então incluir os leigos na tarefa evangélica de tal forma que, agora, temos milhares deles totalmente integrados realizando conferências públicas, estudos bíblicos e fazendo obra de confirmação pós-baptismal.

Faz parte da nossa filosofia que a verdadeira obra do pastor, além de fazer evangelismo, é ensinar os leigos a fazer evangelismo. Portanto, criou-se uma arraigada atitude mental sobre a importância do evangelismo.

RA — O mundo está-se tornando cada vez mais urbano e menos rural. Que adaptações devem ser feitas nos nossos métodos de evangelismo?

Pastor Aeschlimann — De facto, em alguns

dos nossos países cerca de 85% da população vive em áreas urbanas. Antes, quase todo o nosso trabalho estava voltado para as áreas rurais. Agora temos que atender aos conselhos da irmã White de que «temos que trabalhar nas cidades», sem abandonar a zona rural. Por isso, passámos a dar muita importância à *Evangelização Metropolitana*. Ao contrário de 10 ou 12 anos atrás, no México, hoje, cerca de 90% da nossa obra é nas cidades. Um dos métodos especificamente desenvolvidos tendo em vista esse objectivo é o das *Campanhas Evangélicas Múltiplas*, ou seja, todas as igrejas e grupos de uma cidade participam de uma campanha simultânea. Ex.: campanha do México — 60 pontos de pregação.

RA — Parece que o evangelismo público é o método mais utilizado. Que tipo de público sai de casa para ouvir conferências religiosas?

Pastor Aeschlimann — Realmente a TV, os espectáculos e o tamanho das cidades fazem com que não seja tão fácil ao público ir às conferências, como antes. As campanhas múltiplas ajudam a resolver o problema porque as pessoas não têm que fazer grandes deslocações até um centro de pregação. O uso intensivo dos meios audiovisuais tem causado bom efeito: temos muitos filmes movimentados, apresentamos multi-visão (projectão de slides e filmes com vários projectores simultâneos) e usamos muito o retroprojector. Outro factor de atracção para o público é a conjugação de temas de saúde com o evangelismo.

Além disso, acho que há um maior interesse pelos temas religiosos na área da D.I.A., de tal forma que não é difícil reunir 3 a 7 mil pessoas (muitas de boa posição sócio-económica) para ouvir uma palestra religiosa. Claro que usamos intensamente os meios de comunicação de massa — chamadas pela TV, rádio e jornais, além de entrevistas.

RA — Parece que os leigos têm parte importante no êxito do evangelismo centro-americano. Como estão sendo usados?

Pastor Aeschlimann — Diria que uma alta proporção do êxito evangélico se deve aos leigos. Nesse particular, demos alguns passos importantes: Primeiro, tivemos que convencer os pastores quanto aos fundamentos bíblicos, teológicos e do Espírito de Profecia que nos incitam ao uso dos leigos. Segundo, convencemos os pastores de que era do interesse da Obra aproveitar os leigos.

Então, surgiu uma nova filosofia acerca do que seja um pastor de êxito — não aquele que trabalha arduamente, embora a sua igreja pouco faça; valorizamos aquele que é capaz de mobilizar, capacitar e

colocar em acção produtiva a maior quantidade de leigos. Insistimos que a função do pastor é *pastoral, evangelística e docente*; ou seja, que deve ensinar os membros da igreja a trabalhar. Talvez o maior êxito da D.I.A. esteja no facto de ter conseguido um alto grau de mobilização dos leigos.

RA — O início de uma série de conferências representava sempre uma grande tensão e uma incerteza quanto aos seus resultados. Mas parece que o conceito actual é diferente...

Pastor Aeschlimann — Diferente em razão de termos mudado o conceito de campanha evangelística; antes, pensava-se que o início das conferências ocorria com a chegada do conferencista à cidade para a primeira palestra, e toda a movimentação era dirigida no sentido de conseguir para essa estreia muito público novo, que vinha à reunião sem saber exactamente de que se tratava.

Agora, entendemos que uma campanha evangelística tem três etapas: A primeira etapa dura cerca de seis meses — é a *preparação* do terreno ou *semeadura* — executada pelos leigos e pastores locais, de tal forma que à chegada do conferencista já tenhamos cerca de 80% do público preparado (pessoas que já fizeram de um a três cursos bíblicos, e já conhecem as nossas doutrinas). Assim, ao iniciar as conferências, já temos um público cultivado (disposto) e a campanha tem como finalidade a *decisão* e a *colheita*.

Dessa forma, não há razão para angústias e incertezas porque, antes de iniciar a série, centenas de pessoas estão interessadas. Depois, vem a terceira etapa, a *confirmação*, ou seja, a campanha não termina com a última conferência feita pelo evangelista, mas prossegue com as mesmas características por mais dois meses pelo menos, e frequentemente o número de baptizados nessa fase empata com o da anterior. Portanto, todo o preparo é feito, em termos de orçamento e pessoal, visando às três fases: *preparação, proclamação e confirmação*.

RA — O evangelismo massivo não facilita uma apostasia também massiva?

Pastor Aeschlimann — Esse raciocínio pode parecer lógico, mas não é o que está ocorrendo na D.I.A. Talvez porque a maioria dos que assistem às conferências e são baptizados já foram preparados com antecedência. Por outro lado, 80 a 90% dos que se baptizam foram preparados pelos leigos, o que incentiva o acompanhamento pós-baptismal. Ninguém quer perder os seus «filhos na fé». A Classe de Confirmação ou Doutrinas Avançadas (que fun-

ciona em quase todas as igrejas) também faz muito para diminuir as apostasias. Por tudo isso, as expectativas mais pessimistas não se estão concretizando.

RA — Que outras ideias novas em evangelismo estão a ser usadas na América Central?

Pastor Aeschlimann — Poderia citar o plano das *campanhas evangelísticas nacionais*, que abarcam todo um país, usando os mesmos temas, propaganda, planos e datas. A nossa primeira experiência foi em El Salvador, em 1979, resultando em duas mil pessoas baptizadas. Depois, realizámos uma campanha nacional na Colômbia, onde todos os pastores, desde o presidente da União até aos distritais e mais 350 leigos dirigiram os 600 centros de pregação simultâneos cobrindo todo o país. Resultou em 4575 baptismos. Para o próximo ano, já estamos a preparar uma campanha simultânea em toda a Divisão.

Destacaria ainda o aumento da proporção de temas religiosos numa série de conferências. Talvez contribua para isso o facto singular de a Igreja Adventista ser a segunda maior igreja, em muitos países da Divisão.

Também convidamos o público para as reuniões sabáticas na igreja, desde a primeira conferência, o que afasta qualquer aura de mistério em torno do sábado, pois o povo acostuma-se a vir à igreja nesse dia de forma natural, sem promoções ou choques.

São muito concorridos e apreciados os programas especiais que relatam as actividades da Igreja Adventista nos campos social, educacional e de saúde. Tais programas são incluídos em todas as séries de conferências para que o público saiba quem as promove.

RA — Como se faz o uso da revista *El Centinela* na acção missionária?

Pastor Aeschlimann — Para nós a revista missionária *El Centinela*, similar à revista *Decisão*, no Brasil, e *Sinais dos Tempos*, em Portugal, é um elemento muito importante por causa do seu conteúdo e preço (custava, no início, dez centavos de dólar). Assim, os irmãos e pastores passaram a usá-la intensamente em todos os tipos de trabalho evangelístico e a revista chegou a ter a maior tiragem mensal entre todas as nossas revistas — 700 mil exemplares.

Inclusivé, quando há uma campanha nacional, *El Centinela* traz artigos e reportagens específicos sobre o acontecimento. Cada número regular contém um estudo bíblico, o que serve também como ferramenta para os leigos. Sem dúvida, *El Centinela* está a cumprir o seu papel de apoiar e dar subsídios à obra de ganhar almas.

**CRISTO VEM
COMUNIQUEMOS AGORA!**

RA — A par de todas as promoções, como temos agora os Mil Dias de Colheita, muitos ainda ficam à margem da actividade missionária. Que falta para que o espírito evangelístico se apodere de um maior número de irmãos?

Pastor Aeschlimann — Penso que o fundamental é uma atitude missionária. Quando os dirigentes da Igreja e todos os pastores se convencem de que a missão primordial é o evangelismo; quando nos convencemos de que nosso Senhor Jesus Cristo Se dedicou inteira e exclusivamente à Sua missão; quando nos convencemos de que o Espírito de Profecia nos diz claramente que «a nossa missão é terminar a Obra»; quando isso se torna uma atitude mental impelente, os leigos percebem-na e aceitam-na como a orientação dos seus dirigentes. Antiga-

mente o problema residia na nossa falta de confiança nos leigos, a ponto de delegar-lhes apenas tarefas secundárias como a distribuição de folhetos, sem chegarmos a confiar-lhes uma série de conferências ou determinadas tarefas pastorais e administrativas.

Agora, cremos que a obra dos pastores é capacitar os leigos para que eles trabalhem ao lado dos pastores. Entendemos também que há diversidade de dons, de tal forma que alguns se dedicarão à confirmação, assistência social, etc. E, alguns, apesar de tudo, ainda ficarão à margem da movimentação da Igreja.

Acima de tudo está a obra do Espírito Santo, e o que parece difícil a nós, não o é a Ele. Ou, como diz a Bíblia: «Não por força nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.» Zac. 4:6.

Nossa Juventude — Nossa Igreja

Constituída, embora, por culturas, mentalidade e línguas diferentes, a Juventude Adventista da Divisão Euro-Africana possui várias características em comum, sobretudo no que se refere aos problemas da nossa sociedade ocidental, a saber: os bens de consumo e o conforto, por um lado, mas também, e por outro, os problemas da escolha duma profissão, do emprego e do desemprego, do desarmamento e da paz, dos prazeres e do relaxamento dos costumes, sem esquecer as questões de ordem espiritual: as tentações e o pecado, o empenhamento de uns e a indiferença de outros perante a vida e as actividades da Igreja, o abandono da verdade, muitas vezes definitivo, por grande número de adolescentes. Tudo isso levou à convicção de que era tempo de oferecer à nossa juventude um ano especial de reflexão, de análise, para fazer o ponto da situação, para procurar reavivamento e reforma.

Compreendo que os nossos rapazes e meninas vivem em tempos difíceis, mas que são um rico potencial para o bem no seio da sociedade e na Igreja, onde podem cons-

tituir-se elementos que contribuam para o seu crescimento espiritual, está pois em curso o projecto deste ano especial — 1984, ano da Juventude. E a divisa para este ano especial é:

NOSSA JUVENTUDE
NOSSA IGREJA

O objectivo de uma tal divisa é consciencializar tanto os jovens como os de mais idade, de que os jovens, não são a Igreja de amanhã, como é costume dizer-se, *mas são*, sim, juntamente com os outros membros, a *Igreja de hoje*.

Para assumirem plenamente esta sua profissão de fé, é preciso que a juventude participe na vida e actividades da sua comunidade religiosa; é preciso que a juventude esteja PRESENTE na Igreja; e a juventude deve ter o direito de expressar-se, de fazer-se ouvir, de contribuir para a elaboração dos diversos programas da Igreja.

A Igreja — e os membros — têm de acreditar a juventude; têm de confiar-lhe responsabilidades e têm de tomar em consideração as suas propostas e planos que visem o progresso espiritual e moral do corpo de Cristo, bem como a evangelização do mundo.



Por outras palavras: desejamos que este ANO DA JUVENTUDE ADVENTISTA, em curso até Dezembro de 1984, contribua para a aproximação dos jovens e adultos adventistas, os primeiros trazendo o seu entusiasmo, o seu dinamismo, as suas ideias novas e iniciativas; os segundos oferecendo aos mais novos a riqueza da sua experiência e o senso da responsabilidade.

O Departamento de Jovens da União tem em curso diversos projectos para este ano especial. E quando chegar o mês de Julho, de 24 a 29, os

jovens adventistas da Europa têm encontro marcado em Exeter, na Inglaterra, para o seu Congresso.

Temos a convicção de que este ano será uma bênção para todos: permitindo uma melhor cordialidade entre jovens e membros mais velhos, contribuirá para o tão desejado equilíbrio entre as gerações e ajudará a juventude a encontrar a sua própria identidade no seio da Igreja.

Nino Bulziz, Director do Departamento da Juventude da Divisão Euro-Africana

A Ceifa no contexto neo-testamentário

ARMANDO A. COTTIM

O verbo *ceifar* é usado 21 vezes no Novo Testamento. Os substantivos *ceifa* e *ceifeiros* são usados, respectivamente, 13 vezes e 2 vezes. Tudo isto, em 14 textos diferentes, dos quais 9 têm relação com os mais variados assuntos, a saber:

- 2 nas duas recensões do sermão da montanha, relacionando a despreocupação com as coisas materiais com a primazia das coisas espirituais;¹
- 2 em parábolas relacionadas com a volta de Jesus, dentro do contexto da mordomia dos talentos;²
- 1 na explicação da oposição entre o espiritual e o carnal;³
- 1 falando de generosidade no campo económico;⁴
- 1 numa parábola relacionada com o desenvolvimento da obra de Deus no coração humano;⁵
- 1 enunciando um princípio válido nos mais variados campos, acerca do qual falaremos brevemente, mais longe.⁶

Os restantes cinco textos dizem respeito, directamente, à realização da obra por Deus designada ao ser humano: a preparação de um povo para o acontecimento mais glorioso de todos os séculos: a vinda, em glória, de Jesus ao planeta Terra. Sobre estes textos recairá a nossa atenção, nas linhas que se seguem.

Podemos classificar estes três textos em três grupos distintos: (1) Textos de perspectiva histórica presente; (2) Textos de perspectiva histórica mista e (3) Textos de perspectiva escatológica pura.⁷

Textos de Perspectiva Histórica Presente

Neste grupo estão os textos que dizem directamente respeito à realização da obra no tempo presente, sem pensar no que sucederá no fim dos tempos.

Pertencem a este grupo dois textos, ambos correspondendo a momentos similares, com contextos similares e, portanto, com interpretações similares.⁸

Mateus faz que o seu texto preceda o envio dos doze em missão, enquanto que Lucas coloca o seu imediatamente antes do envio dos 70 discípulos, em missão paralela à anteriormente realizada pelos doze.

Dois pormenores chamam a nossa atenção, em ambos os textos. Vejamos o primeiro.

Cristo constata a grandeza da obra e a exiguidade dos meios. Pregando em diversos lugares, Jesus pode ver até que ponto o povo está subjugado e carregado, tanto pelo dominador romano como pelo sistema corrompido dos sacerdotes. Contudo, apenas 13 homens pregavam a mensagem de liberdade: Jesus e os Doze.⁹

O segundo pormenor é o corolário do primeiro.

Cristo dá a solução para o problema. A oração dos discípulos, pedindo mais ceifeiros, colocaria os seus próprios corações em posição de serem usados para convocar esses novos ceifeiros para a ceifa.

Ceifa que é entendida, neste contexto, como a aceitação do evangelho, no momento histórico presente; aquilo a que, nos nossos dias e na nossa nomenclatura, designaríamos por «decisão para o baptismo.»

O texto de Lucas faz-nos sentir que, apesar de um crescimento de 480% no número de ceifeiros¹⁰,

o número é ainda demasiado exíguo para as necessidades.

Parece evidente, pela simples leitura dos dois textos, que nada existe neles que nos leve a pensar no tempo do fim. São, portanto, textos sem projecção escatológica. Existe, é certo, uma forte noção de urgência, mas essa noção é derivada da curta duração da vida humana.

Textos de Perspectiva Histórica Mista

Os textos compreendidos neste grupo têm uma forte relação com o fim dos tempos, mas mantêm-se no campo histórico presente.

O primeiro dos dois textos é o da parábola do trigo e do joio.¹¹ Dado que tanto a parábola em si como a explicação da mesma são sobejamente conhecidas, limitar-me-ei a fazer sobressair alguns pontos.

Existe, já, uma perspectiva escatológica: fala-se da ceifa como símbolo do fim do mundo (v. 39). Porém, a principal preocupação, que levou Jesus a propor esta parábola é uma preocupação de formação, com vista a um carácter tolerante e amoroso. Trigo e joio crescem juntos por ordem do «Senhor da seara», que ama demasiado o trigo para permitir que um só pé de trigo se perca, por engano, numa colheita prematura de joio. (v. 29)

O outro texto que classificamos neste grupo foi o da troca de palavras havida entre Cristo e os discípulos na sequência da entrevista do Salvador com a Samaritana.¹²

Vemos, neste texto, aspectos do crescimento da seara, a qual é ceifada periodicamente por uma equipa de obreiros, que não é forçosamente a que semeou, mas que trabalha para o mesmo Senhor.

ARMANDO A. COTTIM

Pastor da Igreja de Arganil

Esta ceifa periódica (anual), implica, ainda, uma sementeira periódica, pois, como diz Paulo no texto a que antes fizemos referência, «*Tudo o que o homem semear, isso, também, ceifará.*»¹³

Textos de Perspectiva Escatológica Pura

Este terceiro grupo de textos engloba apenas um texto; aquele que serviu de tema e moto às Assembleias Espirituais realizadas em Portugal no ano de 1982.¹⁴

A *ceifa*, neste contexto, é uma referência clara à actividade dos anjos de Deus na separação final entre justos e ímpios, chegando a ser transparente a referência ao selamento dos justos¹⁵ que precede as últimas pragas.¹¹

Conclusão

Podemos, e devemos, pensar na ceifa em termos de actividade a realizar no momento histórico presente. As razões para tal são várias; passaremos a ver algu-

mas, talvez as mais importantes.

a) Os textos são claros quanto à urgência de ceifar no momento histórico em que vivemos. O momento «*hoje*» é determinante, no pensamento bíblico.¹⁷

b) *Ceifa* e *sementeira* são conceitos interligados. Enquanto searmos, ceifaremos. Como pois poderíamos pensar em não ceifar no momento presente, se diligentemente formos semeando? A menos que a nossa sementeira tenha sido nula!

c) A ordem de Cristo, a grande comissão,¹⁸ tem como implicação primeira a *ceifa*; caso contrário, ao *ensinai* não se seguiria o *baptizando*.

A *ceifa* mencionada por João no Apocalipse (14:15, 16) é, na realidade, uma separação, realizada por Deus, entre os dois grupos de seres humanos cujas decisões pró ou contra Deus foram tomadas a seu tempo; é a constatação — aos olhos do universo — daquilo que esteve sempre claro aos olhos de Deus.

No contexto do Novo Testamento, portanto, em face dos documentos que estão diante de nós e que passámos, brevemente, em revista, a *ceifa* não é considerada como um acontecimento futuro, mais ou menos longínquo.

Mesmo que Jesus não estivesse próximo, às portas, ainda assim, de acordo com o ensino do Novo Testamento, seria — e é — agora o momento de *ceifar*.

1. Mateus 6:26 e Lucas 12:24
2. Mateus 25:24, 26 e Lucas 19:21, 22
3. 1 Coríntios 9:11
4. 2 Coríntios 9:8
5. Marcos 4:24
6. Gálatas 6:7-9
7. Usaremos a palavra *escatológico* para designar o que é relativo às coisas do fim dos tempos.
8. Mateus 9:35-38 e Lucas 10:2
9. Cf. Lucas 4:18-21
10. De 12 passaram a 70
11. Mateus 13:24-30, 36-40
12. João 4:35-38. A classificação deste texto neste grupo é passível de contestação. Creio, no entanto, poder manter esta classificação, pois se o podemos considerar como tendo uma perspectiva histórica presente, não podemos, também, negar que o contexto contém suficientes elementos para nos dar uma visão escatológica. (cf. v. 36: galardão, vida eterna).
13. Gálatas 6:7b
14. Apocalipse 14:15, 16
15. Cf. Apocalipse 14:1 e 7:4-8
16. Apocalipse 15:1-16:21
17. Cf. Hebreus 3:13, 15
18. Mateus 28:19

Concurso Bíblico Nacional

Como é do conhecimento geral, está-se realizando, desde Dezembro, um Concurso Bíblico, em que na sua fase local, isto é, nas igrejas, tomaram parte cerca de 100 irmãos e jovens.

A fase regional teve lugar no passado dia 26 de Fevereiro, em Lisboa, Porto e Coimbra.

Foram aprovados para a fase nacional, que terá lugar no dia 13 de Maio, os seguintes irmãos:

Área Norte

Dulce Silva (Matosinhos)
Moisés Rodrigues P. Cardoso (O. Douro)
Eduardo Monteiro (Porto)

Área Centro

Alberto Pereira da Silva (Coimbra)
Hidalberto Teixeira (Leiria)
Paulo Pinheiro (Leiria)

Área Sul

José Augusto M. Esteves (Setúbal)
Fernanda Maria R. da Fonseca (Queluz)
Joaquim Quintino Epifânio (Alvalade)

Açores

1 representante

Madeira

1 representante

O júri nacional será constituído pelos presidentes dos júris regionais do Continente:

P. Juvenal Gomes
P. Eduardo Graça
P. António Maurício

A prova nacional será, segundo o regulamento publicado, constituída por uma prova escrita e oral.

O horário da prova nacional — 13 de Maio — será o seguinte:

10 horas — parte escrita
15 horas — parte oral

Serão escolhidos os três primeiros classificados.



2. usa-se em



ANTÔNIO BUENO

Nas nossas relações sociais há uma espécie de ofertas particularmente simpáticas: são as que se fazem por ocasião do nascimento de um bebê. Aquele novo ser nasceu nu, e precisa de tudo. As ofertas são uma espécie de cooperação com os pais para dotá-lo de tudo quanto precisa no princípio da sua existência.

A quantidade e qualidade das ofertas a um recém-nascido depende do seu ambiente familiar. Se for rico, remediado ou pobre, assim receberá mais ou menos prendas.

Todavia, há três ofertas básicas que, em maior ou menor medida, nunca faltarão na vida desse novo ser e o acompanharão ao longo da sua existência. São três importantes dádivas, de factura divina, e as três começam pela letra T:

A primeira é o Tempo. É uma oferta de imenso valor e os seres humanos bem o compreenderam ao equipará-la ao dinheiro [«Time is money»] ou ao metal que simboliza a riqueza [«O tempo é ouro»]. Mas, na realidade, o tempo vale mais do que ambas as coisas, porque equivale à própria vida, e esta não pode ser comprada nem com dinheiro nem com ouro.

Trata-se, também, de uma oferta envolta em mistério, porque só o Doador conhece antecipadamente a sua exacta dimensão. Para nós, a duração do tempo é uma incógnita que só será decifrada no dia da nossa morte. O tempo que o Senhor nos entrega em branco, ao nascermos, ir-se-á enchendo de factos, de actos bondosos, nulos ou maus, de erros ou acertos, que constituirão a nossa história e influirão na determinação do nosso destino eterno: «Porque Deus há-de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer sejam mau» (Ecl. 12:14).

A segunda são os Talentos. Os talentos constituem uma oferta maravilhosa que o Senhor nos dá. Manifestam-se sob a forma de dons espirituais, intelectuais, artísticos, manuais, etc., e com eles podemos servir e ajudar os nossos semelhantes, dar vida e significado ao trabalho com que ganharemos o pão cada dia e servir a Deus na mais nobre das Causas.

Há talentos manifestos e talentos ocultos. É uma aventura interessante descobrir estes talentos encobertos, que existem na nossa vida, cultivá-los e usá-los. Não há ninguém por mais pobre e humilde que seja, que possa dizer que não possui nenhum talento. Há, sim, al-

guns preguiçosos que preferem manter os talentos ocultos ou adormecidos com medo da responsabilidade de serviço que implica descobri-los ou despertá-los.

Um dia, Deus vai pedir-nos contas do uso dos talentos. Então, alguns ouvirão aquele maravilhoso «Bem está, servo bom e fiel...» e outros terão de ouvir o terrível «Mau e negligente servo...» (Mat. 25:14-30).

A terceira são os Tesouros. Através dos talentos e como resultado do sábio uso dos mesmos, o Senhor dá-nos também tesouros — bens vários que permitem, não só a nossa subsistência, mas também rodearmos a nossa vida de coisas úteis e agradáveis, ajudar os outros nas suas necessidades e aflições, e sustentar a Obra de Deus.

Das três ofertas divinas que mencionamos, esta, sendo embora a de menor valor, é a mais apreciada pelos seres humanos e a mais perigosa em caso de mau uso.

Alguém disse que o dinheiro é o melhor dos servos mas o pior dos amos.

A Palavra de Deus está cheia de advertências acerca do perigo de um amor desmedido aos tesouros: «É de grande ganho a piedade com contentamento, porque nada trouxemos para o mundo, e manifesto é que nada podemos levar de le. Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes. Mas os que querem ser ricos caem em tentação e em laço e em outras concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína» (I Tim. 6:6-9).

O uso que fazemos deste dom divino acaba por ser um termómetro da nossa vida espiritual e um índice dos nossos verdadeiros objectivos, «porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração» (Mat. 6:21).

É uma coincidência interessante o facto de esta importante letra — o T — ser também a inicial destas três ofertas divinas: Tempo, Talentos, Tesouros.

Deus diz a cada um de nós: — Toma, meu filho.

E, ao dar-nos estas três maravilhosas dádivas, demonstra a Sua bondade paternal e o Seu desejo de que sejamos felizes. Simultaneamente, coloca nas nossas mãos meios magníficos para cooperarmos com Ele no bem dos outros, durante o breve espaço de tempo em que temos o usufruto destas três ofertas divinas, até que a sepultura nos receba, nus e pobres, como no dia em que o berço nos recebeu.

Encontro entre as Igrejas de Almada, Corroios e Paivas

Num antegozo do que será aquele dia em que, vindos de todos os lugares e de todas as épocas, nos reuniremos no Reino de nosso Pai Celestial, três igrejas da margem sul do Tejo, Almada, Corroios e Paivas, reuniram-se no passado dia 25 de Fevereiro, para uma jornada de fraternidade entre os irmãos e de comunhão com Deus.

A partir das nove e meia da manhã começaram a chegar ao ginásio do Centro Cultural de Paivas irmãos vindos de vários lugares, enchendo por completo o grande salão, com capacidade para mais de duzentas pessoas.

A Escola Sabatina foi dirigida por irmãos das três igrejas. Jonas e a sua missão em Ninive, foi posto em paralelo com o crente adventista e a sua missão no Mundo.

O culto solene teve lugar às onze e meia, sendo a Palavra de Deus comunicada através do pastor João dos Santos, convidado especial para o Encontro. O tema da sua mensagem foi a justificação pela fé — verdade fundamental do Cristianismo mas que, como crentes, necessitamos, pessoalmente, redescobrir cada dia.

Numa sala anexa ao ginásio, reunimo-nos para o almoço, onde partilhámos, em conjunto, os pratos deliciosos que as irmãs sempre sabem fazer para estes momentos.

Os jovens tiveram a seu cargo uma boa parte do programa da tarde, apresentando a sua música, a sua poesia e falando-nos das suas actividades. O Pastor Santos falou-nos ainda sobre evangelização e sobre algo do que foi a sua experiência e a dos seus companheiros na campanha de evangelização em que tomou parte activa, nos E.U., salientando o valor da perseverança no contacto pessoal.

A coroar esta jornada de alegria, participámos ao fim da tarde numa bela e comovente cerimónia de Santa Ceia, dirigida pelo Pastor Paulo Morgado, pastor das três igrejas; cerimónia que pelo facto de não ter sido realizada dentro duma sala de culto, como habitualmente, saíu também um pouco dos quadros tradicionais, tornando-se mais familiar e espontânea, sem contudo perder a solenidade. Na parte final da Santa Ceia, o pastor apresentou Jesus como a luz do Mundo, ao mesmo tempo que fez passar a cada participante, pequeninas velas acesas, que traduziam a cada um eloquentemente, a necessidade e o privilégio de reflectir, para um mundo em trevas, a luz do carácter de Cristo.

A festa continuou ainda, para os

amantes do desporto, com um encontro no Clube Desportivo de Corroios.

Certamente que dirão connosco que foi «um dia em cheio»! Cheios ficaram também os nossos corações de agradecimento ao Pastor Paulo Morgado, a todos os irmãos e sobretudo a Deus pelo êxito deste primeiro Encontro entre estas três igrejas. Desejamos que não seja o último.

Hortelinda dos Prazeres

Dormindo no Senhor

Maria Amélia Bizarro Sommer

No passado dia 17 de Novembro de 1983, adormeceu no Senhor, a nossa prezada irmã Maria Amélia Bizarro Sommer, membro da Igreja de Lisboa-Central, e durante vários anos um dos seus valerosos pilares. Contava 68 anos de idade.

A Irmã Maria Amélia Sommer cresceu num lar adventista. Os seus pais, irmãos Prazeres e Mário Bizarro, conheceram a mensagem quando ela era ainda bem pequena. Após os estudos secundários a irmã Maria Amélia foi para o Seminário Adventista de Collonges a fim de se preparar como assistente pastoral. Lá conheceu um jovem alemão, que estudava teologia e trabalhava na tipografia do Colégio: Karl Sommer. O seu destino ficou traçado. Quando regressou a Portugal, o jovem Karl veio também para o nosso país. Karl e Maria Amélia uniram as suas vidas e o sonho de um ministério fecundo em favor das almas.

Durante alguns anos, breves, o ministério deste casal foi uma inspiração e uma bênção para todos aqueles com quem conviveram e em favor dos quais ministraram a Palavra de Deus.

Estiveram nas Igrejas de Coimbra e de Vila Real de Santo António. Os pais da signatária destas linhas, antigos membros da Igreja de Vila Real, recordam com emoção a consagração daquele jovem casal, o poderoso testemunho da sua pregação e o seu exemplo de dedicação à causa de Deus.

Naquele tempo, o trabalho era muito difícil. Mas o casal Sommer conheceu inusitados sucessos. Quando ele tocava o seu violoncelo, recordam aqueles irmãos, as cordas pareciam que choravam. A música preparava os corações e a seguir a pregação dava os seus frutos.

Mas a guerra pôs fim a esta bela união e à vida em flôr do jovem pastor Sommer. Estiveram casados apenas cinco anos. A Irmã Maria Amélia ficou com dois

filhos, Lucília e Carlos, que procurou educar nos caminhos do Senhor.

E continuou o seu ministério, embora sem o seu companheiro. Trabalhou como obreira bíblica, foi preceptora no Seminário de Portalegre, novamente obreira bíblica na Igreja de Lisboa. Em 1953 recebeu um chamado para ir para Moçambique como Tesoureira da União, cargo que desempenhou até 1957, altura em que, por razões de saúde, foi reformada.

Mas a inactividade não fazia parte do seu carácter e embora reformada, foi sempre desenvolvendo inúmeras actividades, com sacrifício, pois a sua saúde não era muito boa.

No que respeitava ao seu carácter e que tanto a ajudou, e ajudou outros, é que ela nunca desanimava. Arranjava sempre forças para continuar, e de boa disposição.

Há cerca de vinte anos, teve uma grave doença, um temor cerebral, que a levou ao estado de coma. Mas o Senhor curou-a. Ela e a família estavam convencidos de que Deus operara um grande milagre na sua vida. Mas agora, problemas de peso e uma embolia pulmonar precipitaram o seu passamento. Porém, a sua fé não esmoreceu e, no próprio dia em que morreu, já doente, procurou, conforme o seu costume, estudar a Escola Sabatina de manhã, «porque o dia não chegara à noite». O Senhor a recompensará (*naquele dia*), quando a chamar de novo à vida!

A seus filhos, Lucília e Carlos [que se deslocou da África do Sul para assistir ao funeral,] a sua irmã e cunhado, irmã Milca Morgado e Pastor Morgado e demais família, apresentamos sentidas condolências.

M. R. Baptista

Alunos de Teologia

A partir do próximo ano lectivo, 1984-85, os alunos portugueses que desejem estudar teologia poderão seguir directamente para o Seminário de Collonges.

Agradecemos a todos os que desejem frequentar no próximo ano lectivo aquele Seminário, o favor de entrar em contacto com a União.

Notícias de Vila Real de Trás-os-Montes

Do Pastor Mário Brito, nosso Pastor no Distrito de Vila Real, acabamos de receber uma carta da qual tomamos a liberdade de transcrever algumas linhas de encorajadoras notícias:

«Apenas algumas linhas para que juntamente connosco se possam alegrar também no Senhor.

«Neste momento o nosso coração está extremamente agradecido ao Senhor pela forma como Ele tem dirigido todas as coisas e Se tem manifestado no nosso meio.

Depois de alguns meses de preparação, ontem, toda a pequena igreja de Vila Real saiu ao trabalho. Éramos 10, incluindo os jovens. No final dos contactos realizados, e de novo reunidos para trocarmos algumas impressões, só pudemos ouvir palavras de agradecimento por termos sentido a mão do nosso Bom Deus guiando todas as coisas.

«Como dizia mais acima, tivemos alguns meses de preparação, isto é, o tempo de, como Igreja, compreendermos a nossa missão e a nossa consequente preparação para o seu desempenho.

«A princípio, apercebi-me de que a maior parte dos irmãos tinha receio de sair para o trabalho; os motivos eram diversos, mas sobretudo não queriam ser tomados como 'Testemunhas de Jeová'....

«Contudo, apegámo-nos às promessas do Senhor de que Ele não abandona aqueles que n'Ele confiam, e lembrámo-nos dos extraordinários milagres realizados quando o povo de Israel devia entrar em Canaã e então, pela fé, avançamos.

«Que Deus seja louvado, porque aprendemos mais uma vez que como povo só podemos avançar na medida da nossa dependência e confiança n'Ele....

«A razão principal do nosso insucesso (e por mim falado) é que não nos temos apoiado no braço d'Aquele que é poderoso para nos ajudar e fazer aquilo que por nós não podemos.

«Assim, a nossa preparação consistiu em fortalecer a nossa confiança em Deus, através do estudo da Sua Palavra e da oração.

«Confiantes em Deus, saímos. Pois pudemos observar que quase ninguém nos confundiu com as 'Testemunhas' e que alguns, até parece, estavam à nossa espera. Que o Senhor nos ajude a levantar os nossos olhos e vermos as terras que já estão brancas para a ceifa!

«Muito mais poderia dizer neste momento, mas creio que desta maneira, embora de um forma sumária, pude expressar a alegria que neste momento sentimos, como Igreja, pelos grandes feitos que o Senhor tem realizado no nosso meio....

«Dos irmãos em Cristo

Maria José e Mário Brito».

Ponta Delgada continua a caminhar

Mais um dia feliz. Mais um dia de baptismos.

Quisemos encerrar 1983 com chave de ouro: recebendo almas no seio da Igreja. Assim aconteceu.



O Pastor Garrido com os dois novos irmãos baptizados — alegria no interior das almas.

A velha «Bíblia Responde» continua a dar os seus frutos. Desta vez o Evangelho lizou nos Arrifes, na pessoa da irmã Emília Chaves Resendes Macedo, enquanto que na Calheta encontrávamos o irmão Liberal Brandão.

Último dia do ano. Um ano que terminou em bem.

Sentimo-nos satisfeitos n'Ele.

27780 — Tele-mensagem

Aqui está a concretização dum sonho, bem velhinho por sinal, do signatário destas linhas: a aquisição dum atendedor-gravador de chamadas telefónicas.

Tínhamos fé em Deus que algo poderia e deveria ser feito. Os apelos começaram a ser dirigidos àqueles que talvez nos pudessem ajudar.

As dificuldades financeiras locais encontraram eco e compreensão na pessoa do irmão Manuel Carlos Pacheco de Resendes, nascido em S. Miguel, mas, conhecido da Mensagem nas paragens americanas de Lowell, cidade muito próxima de Boston, na costa oriental dos Estados Unidos.

A maravilha da técnica permite agora que o Evangelho possa ser escutado a qualquer hora do dia e da noite, graças ao sistema apresentado no automatismo do Sanyo TRA 9912.

Depois da necessária publicidade a ser efectuada, os contactos certamente aparecerão. Tudo se conjuga para o avanço da Obra do Senhor.

Manuel Magalhães Baptista Garrido

CURSO DE DOCTRINA para membros de igreja

Colégio de Oliveira do Douro
12 a 31 de Agosto



Será ministrado em 1984 o 2.º ano do ciclo de três anos de que é composto o Curso.

Podem inscrever-se, não só os Irmãos que fizeram o 1.º ano em 1983, mas também outros novos, que se inscrevam pela primeira vez.

A direcção do Curso estará de novo a cargo do Pastor Ernesto Ferreira, e serão ministradas as seguintes matérias:

1. Antigo Testamento
2. História da nossa Igreja
3. Correntes Religiosas Contemporâneas
4. Estudos sobre o livro de Apocalipse

As inscrições devem ser feitas até 15 de Maio e devem vir acompanhadas de 1.000\$00

O preço da alimentação e alojamento é de Esc. 6.000\$00.

Notícias de Oliveira do Douro

Baptismos

No dia 25 de Fevereiro, cinco novas almas foram aceites na Igreja: — Um casal, Fernando e Berta Vasconcelos; duas senhoras, D. Judite e D. Virgínia; um juvenil, o Pedro Emanuel. A cerimónia foi realizada na Igreja do Porto, dado que ainda não estão concluídas as obras do nosso Templo. A Igreja encontrava-se repleta, estando presentes a quase totalidade dos membros de Oliveira do Douro. Foi mais uma jornada espiritual que serviu para cimentar a unidade da Igreja, para fazer apelo a novas decisões e, sobretudo, para nos ligar todos mais estreitamente a Jesus.

Reconstrução do Templo de Oliveira do Douro

Após vários meses de trabalho e de canseiras, em que foi necessário fazer face a não poucos problemas, encontramos na fase de acabamento das obras, que incluem, particularmente, uma esplêndida galeria com capacidade para 100 pessoas, óptimas condições para as cerimónias baptismais e Santa Ceia, uma excelente tribuna e ainda uma nova sala de Conselho. Pensamos que será possível inaugurarmos estas novas instalações entre meados de Abril e princípios de Maio. Sem dúvida que apreciaremos a vossa visita num Sábado em que nos queiram dar o prazer do convívio espiritual.

Falecimentos tos

Na noite de 5 para 6 de Março adormeceu no Senhor, descansando dos seus sofrimentos a Irmã Laura Cardoso. Foi uma esposa dedicada, mãe extremosa e uma pessoa caritativa. Na manhã do dia 6 de Março um grande número de familiares e amigos juntou-se para a cerimónia religiosa. Ainda em casa, o seu filho, Pastor Júlio Cardoso, dirigiu uma mensagem cheia de esperança a todos os presentes. Na ocasião, os Pastores Juvenal Gomes e Fernando Mendes oraram pelo conforto do Alto para as pessoas enlutadas e por uma fé mais firme nas promessas celestiais.

Junto à sepultura, onde se juntou uma pequena multidão, unimo-nos à oração do Pastor Borges e tivemos ocasião de pregar sobre a esperança da vida eterna. O Pastor Laranjeira fez a oração final.

Tal como diz a Escritura, «bem-aventurados os que descansam no Senhor». Oxalá possamos encontrar a nossa irmã na manhã gloriosa da ressurreição.

J. Matos
Pastor

Centenário na Igreja do Barreiro

Umhas breves linhas para apresentar aos queridos leitores da Revista Adventista uma fotografia da nossa simpática irmã Augusta Brito, da Igreja do Barreiro, acompanhada de algumas das irmãs na fé e de duas das suas filhas, no dia em que completou um *século* de existência.



Irmã Augusta Brito no dia do seu 100.º aniversário

Para comemorar o raro facto a Igreja levou a efeito no seu lar um pequeno programa de cânticos e um lanche de convívio.

É nosso desejo que este acontecimento possa repetir-se indefinidamente mas no gozo da Juventude eterna a disfrutar com JESUS.

A. Echevarria

Pastor da Igreja do Barreiro

CURSO DE VERÃO 1984

no Seminário de Collonges-sous-Salève — França

APRENDA FRANCÊS PASSANDO AS SUAS FÉRIAS NOS ALPES!

O Instituto de Língua Francesa está ao vosso dispor em Collonges-sous-Salève; Alta Sabóia, de 18 de Junho a 26 de Julho de 1984, num local maravilhoso: no sopé do Monte Salève, perto de Chamonix e das suas neves eternas; perto de Annecy com o lago considerado o mais puro da Europa; perto de Genebra, a cidade internacional da Suíça. Quer seja principiante ou deseje aperfeiçoar os seus conhecimentos de Língua Francesa, encontrará em Collonges aquilo que lhe convém.

As aulas acupam apenas as manhãs de segunda a sexta-feira. Os serões são reservados a actividades recreativas. Cada Domingo é consagrado à visita de locais turísticos e culturais. Está também prevista uma viagem de dois dias através dos vales dos Valdenses, na Itália. Serão servidas refeições vegetarianas. Não hesite! Passará seis semanas em Collonges-sous-Salève, juntando o útil ao agradável pela módica garantia de 5.500 Francos Franceses.

Reserve desde hoje o seu lugar escrevendo para:

Directeur de l'Institut de Langue Française
Séminaire Adventiste du Salève
Collonges-sous-Salève
74160 ST JULIEN-EN-GENEVOIS
FRANÇA

Mil Dias de Colheita

John Read

A se - men - te da Pa - lavra Pe - lo Es - pí - ri - to de Deus Foi plan -
Co - mo a - re - ia lá do mar A co - lhei - taas - sim se - ra Tan - tas
Dã - nos mais do Teu fer - vor E re - ves - te nos de fé. Vi - bra em

ta - da na se - a - ra ter - re - nal Mas a for - ça que hoje lavra Traz co -
quantas as es - tre - las a bri - lhar A pa - lavra do Senhor Se ou - vi -
nos a vi - va cha - ma do la - bor Lu - ta - re - mos pois a - té Mil vi -

tem - po de a - nun - ciar às mul - ti - dô - es Con - cla - mando a ricos e ple

be - us Es - ta - ça co - lhei - ta das na - çõ - es Mil

Ihei - ta ce - les - tial Quan - do a chu - va é de Deus o ma - nan - cia! E
rà de mar a mar E a I - gre - ja co - mo o sol re - ful - gi - rá
tõ - rias al - can - çar Os mil di - as de co - lhei - ta com - ple - tar

di - as de co - lhei - ta pa - ra Deus.

Este é um hino para ser cantado durante os Mil Dias de Colheita. Sugere-se utilizá-lo nos minutos missionários de cada sábado, no culto do primeiro sábado do mês, e em ocasiões de ênfase missionária.